

Melissa Pimentel

AMOR
AO PÉ DA
LETRA

Tradução
DAVID AGNE

PA
RA
LÉ
IA

Copyright © 2014 by Melissa Pimentel

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Age, Sex, Location

ILUSTRAÇÃO E DESIGN DE CAPA Malika Favre/ handsomefrank.com

DIREÇÃO DE ARTE DE CAPA Roseanne Serra

PREPARAÇÃO Andressa Bezerra Corrêa

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pimentel, Melissa

Amor ao pé da letra / Melissa Pimentel ; tradução David Agne. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

Título original: Age, Sex, Location.

ISBN 978-85-65530-85-9

1. Ficção inglesa I. Título.

14-12869

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Livro um:

As regras

1º DE ABRIL

Escrito em 1995, depois que a primeira e a segunda onda do feminismo haviam rolado pelas nossas praias, e também no meio da poça marinha pós-estruturalista da terceira onda, o *As regras* prega uma mensagem que poderia ser descrita como antiquada. Até mesmo vitoriana. Os títulos dos capítulos incluem “Não tome iniciativa com um homem (nem convide-o para dançar)”, e “Não faça contato visual com um homem nem fale demais”, o que parece o tipo de conselho que uma avó fictícia daria à neta, num filme feito para tv sobre a cultura *amish*.

O mais inquietante é este: “Não fale sobre *As regras* com seu analista”. Com certeza, se um livro encoraja você a se comportar de uma maneira que deva ser escondida do seu analista, só isso já devia ser um alerta vermelho, não é mesmo?

A ideia principal do livro é o que se deve fazer para que o homem vá atrás de você. Para sempre. Aparentemente, bancando a criatura mais elusiva do mundo, que nunca encara um homem, só fala quando ele fala e, sem pensamentos ou opiniões discerníveis, você será a coisa mais sexy que já andou por aí. Coloque isso no seu prato pós-estruturalista!

Parece que a ideia seria reprimir toda a sua personalidade, a fim de se tornar alguma espécie de misterioso ideal feminino. “Seja feminina”, aconselha o livro. “Não conte piadas sarcásticas. Não seja o tipo de garota histericamente engraçada, que fala alto e bate nos joelhos. Cruze as pernas e sorria.” Já que tenho mais tendência a ficar com vontade de sorrir quando abro as pernas do que quando as fecho, fiquei meio preocupada de não estar à altura do desafio. *As regras* davam

um pouco de conforto: “Talvez você sinta que não será capaz de ser você mesma, mas os homens vão adorar!”.

Fiquei desencorajada, mas, ao mesmo tempo, dava para ver que havia um método naquela loucura. Eis a média atual:

Setenta por cento de merda total e completa, que vai contra tudo o que eu acredito, contra trinta por cento de gênio total.

Quanto mais eu lia, mais ficava me perguntando se aquilo era, na verdade... Bom, de certa forma, fortalecedor. Garotas que seguem *As regras* não namoram homens que não as querem, proclama o livro; e, se um homem quer você de verdade, ele vai correr atrás. Ele vai se esforçar. Pensei um pouco sobre Adrian e o *Foco no futebol*, e a completa falta de esforço dele nos últimos meses. Hum...

Naquela noite, depois do trabalho, tentei destilar a essência da coisa para Lucy.

“Quer dizer, você não deve telefonar, convidar pra sair, falar demais, ligar de volta ou fazer contato visual com ele?”

Assenti.

“Parece meio rigoroso.” Lucy deu uma tragada no cigarro, pensativa. “Como é que a gente flerta?”

“Aí é que está! Não flerta. Ou pelo menos não deveria flertar como a gente flerta. Você fica toda tímida e envergonhada.” Ouvi um som de lamento lá fora e me debrucei na sacada. “Será que aqueles caras lá embaixo estão fazendo rinha com seus cachorros?”

Lucy olhou por cima do meu ombro. “Na verdade, acho que é venda de drogas.”

“Seja como for, de acordo com isso tudo, devemos ser intangíveis. Como uma espécie de ninfa da floresta. Os homens não devem jamais se sentir completamente confortáveis ou seguros de que vão conseguir vencer; eles devem sempre lutar para ganhar nosso afeto.”

“Bom, acho que isso pelo menos é algo diferente. Nem me lembro da última vez em que um homem lutou pelo que quer que fosse.”

Mais tarde na mesma noite, saímos para assistir ao mais recente pretendente da Lucy, na sua melhor personificação de Ed Sheeran, num porão úmido de um bar do Soho. Max era um reservado motorista de carro esporte, aficionado em artes marciais que, de acordo com

o que estávamos assistindo, gostava de cantar músicas sobre beijos do tipo borboleta.

Ele também era extremamente bom no jogo do quente ou frio e seguia toda aquela lenga-lenga de convidar para um vinho e jantar numa noite, daí desaparecer por umas três semanas e daí reaparecer com um telefonema às onze da noite, convidando para ir ao apê dele numa terça-feira qualquer. Isso já durava semanas.

Nós achávamos que ele era meio bundão, mas infelizmente, como acontece muitas vezes, era um bundão bom de cama, e também era capaz de manejar muito bem aquela criptonita feminina todo-poderosa: o violão. Quanto a mim, eu preferiria lambar a sola das minhas sandálias depois de uma excursão pela Índia do que me sentar na beira da cama enquanto um homem me cantava uma música, mas Lucy era outra história: ela adorava aquilo. Na verdade, ela até cantava com ele. Eu me arrepio só de pensar.

Quando Max terminou o *set list* e saiu do palco ao som de algumas palmas chochas, ele olhou para Lucy, deu um sorriso de matar e acenou. Meu coração deu um pulinho por ela: ele era um gato.

“O.k., é o seguinte”, sibilei. “Quando ele chegar aqui, você fica no máximo uns cinco minutos, daí diz que tem outros planos.”

“Tá louca? Eu queria que ele me levasse pra casa hoje à noite. Eu quero trepar!”

“É, mas diz no *As regras...*”

“Não sou eu quem tá seguindo essas malditas regras! É você!”

“É, eu sei! Mas você não devia ficar aí, esperando por ele: é ele quem deveria estar caçando você!”

“Está esquecendo do fato de que eu gostaria de trepar?”

“VOCÊ É UMA CRIATURA DIFERENTE DE TODAS AS DEMAIS!”

“Cala a boca! Ele está chegando!”

Max veio à nossa mesa com um copo na mão, e parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

“Oi! Como vão essas lindas meninas? Gostaram do show?”

Nós duas soltamos uns murmúrios de aprovação.

Ele se voltou para a Lucy. “Bebê, eu tenho que dar uma olhada nos meus amigos e no meu irmão. Você vai ficar por aqui?”

Lancei um olhar penetrante pra Lucy. Ela fez uma careta, revirou os olhos e disse: “Não, na verdade a gente precisa ir. Temos outros planos”.

“É, outros planos!”, exclamei. “Grandes planos.” Eu estava parecendo mais ameaçadora do que pretendia, mas queria apoiar a Lucy.

Max franziu o cenho. “Ah. Que pena, né... Bom, a gente se encontra, então. Foi bom ver vocês.”

Eu podia sentir a Lucy se desfazendo sob o peso da expressão dele, então me levantei num pulo e peguei nossos casacos.

“Vamos chegar atrasadas!”, cantarolei.

Depois de se despedir do rapaz com dois beijos rápidos no rosto, caímos fora e entramos num ônibus a caminho da Old Street, para tomar uma saideira. Dentro de alguns minutos, o telefone da Lucy tocou. Era o Max:

Você estava linda hoje. Pena que teve que ir... Jantar na semana que vem? Bj.

Senti uma mistura de triunfo e horror. Quer dizer então que aquela bosta realmente funcionava? Era hora de tentar comigo mesma.

2 DE ABRIL

Logo que me empenhei no projeto, já sabia que me faltava uma coisa: objetos de teste. E, ainda que eu goste de sair e tentar pegar caras tanto quanto qualquer outra garota, a experiência me dizia que só técnica não ia me trazer material suficiente.

Cathryn e eu havíamos formado uma boa amizade durante o tempo em que trabalhamos lado a lado, apesar de, em diversos pontos, sermos a personificação da divisa transatlântica. Ela era elegante, refinada e abastada com discrição. Morava com Michael, seu noivo igualmente lindo, numa maravilhosa casa com terraço em Notting Hill e tinha um sedoso cabelo castanho que podia ser levantado, sem usar escova, em um perfeito rabo de cavalo empinado. Era o suficiente

para que eu ficasse com ódio, e nessas horas em geral caíamos em amarga rivalidade — talvez por causa do nosso incrivelmente-lindo-mas-totalmente-insensível patrão. Porém Cathryn era também muito engraçada e generosa; e nosso patrão tinha um casamento feliz, além de uns crescentes pneus na cintura, então nós duas ficamos amigas. Agora, eu esperava que a generosidade dela se estenderia à sua extensiva rede de amigos atraentes.

No dia seguinte, cheguei ao trabalho e joguei a bolsa no chão, ao lado da minha escrivaninha.

“Preciso de ajuda.”

Expliquei a situação. Não queria que ela me entregasse um dos seus amigos para servir de cobaia às cegas (ainda que ela, obviamente, não poderia deixar que eles soubessem o que estava acontecendo). Cathryn franziu um pouco sua perfeita sobranceira e me olhou com preocupação.

“Olha, não sei. Já pensou na ética desse projeto?”

“Que ética? Ele é inofensivo! As mulheres seguem essas regras o tempo todo: é por isso que livros assim vendem! A única diferença é que estou partindo de um ponto de vista científico. Vamos lá, você gosta de ciência — em nome da ciência, deveria gostar do que estou fazendo!” Tentei parecer altiva e acadêmica. “Na verdade, se você pensar bem, vai ver até que estou sendo generosa. Sacrificando-me na busca por conhecimento.”

Ela revirou os olhos. “É, você é uma Marie Curie moderna.”

“Sabe o que dizem: alguns nasceram para a grandeza...”

“Tem certeza que consegue? Sem falar na sua psique, a gente já tem coisa suficiente acontecendo. As inaugurações de fim de verão vão começar em menos de duas semanas, e você precisa arranjar a lista de convidados.”

“Ah, qual é! Eu sou americana, você sabe como somos eficientes. Adoramos trabalhar! Não tanto quanto os alemães ou chineses, mas quase.”

“Tudo bem, mas e *quanto* a sua psique?”

“Agradeço a preocupação, mas vou ficar bem. É pra ser divertido! E informativo, é claro.”

Percebi que ela estava vacilando, e sabia que havia conseguido. “É, parece interessante. Estou com o Michael há tanto tempo, que me esqueci por completo das diversas etiquetas do namoro, então queria mesmo ver o que vai acontecer.”

“Maravilha! Então, quem você tem pra mim?”

Cathryn começou a me contar tudo a respeito de um dos colegas de trabalho do noivo dela, que parecia ser bonito, de boas maneiras e, o mais importante, era solteiro. Como Michael, ele fazia algo em finanças que não compreendo, mas estava — suspeito eu — destruindo a nossa economia enquanto ganhava uma tonelada de dinheiro. Eu nunca havia saído com um banqueiro, mas tempo era essencial, então deixei de lado minhas reservas sobre o capitalismo, e concordei.

Vamos chamá-lo de Chefão, porque me lembra do jogo Banco Imobiliário. Coloquei seus detalhes no meu caderno:

Nome: Chefão

Idade: 31

Trabalho: investidor

Nacionalidade: irlandês

Método: *As regras*

“Fantástico! Obrigada! Será que você poderia arranjar algo pra esta sexta-feira? Preciso começar o processo!”

“Eu falo com o Michael hoje à noite.”

E, sem mais, eu já tinha meu primeiro objeto de teste.

4 DE ABRIL

Já fazia duas semanas que eu não falava com minha irmã — o que nunca havia acontecido antes —, então durante meu intervalo de almoço, quando o número da Meghan piscou no meu celular, larguei meu sanduíche e atendi.

“Bolei um novo plano de vida”, eu disse, esbaforida. A gente nunca foi de dizer *alô*.

“Ai, meu Senhor! Você não teve um encontro com Deus ou algo assim, teve?”

“Não, nada assim tão sério.” Contei dos meus planos de um projeto de namoro, ignorando suas frequentes fungadas de descrença. Eu sabia que convencer Meg ia ser duro, mas não estava preparada para a ira dela.

“Pensei que você se considerasse feminista”, escarneceu.

“E me considero! Na verdade, se você pensar, isso é um ato de rebelião feminina.”

“E como é que seguir a porra de um monte de regras, que provavelmente são misóginas, pode ser um ato feminista?”

Tive que pensar bem rápido. Embora eu me considere feminista, precisava admitir que não havia pensado muito na mecânica da coisa. “Hum... Infiltrar-se no campo inimigo! Penetrar atrás das linhas inimigas! Usar minhas arquetípicas artimanhas femininas para penetrar a psique masculina, visando o melhoramento das mulheres em todo lugar!”

Meghan deu risada. “Tudo bem. Só admita que está fazendo isso pra esquecer o Dylan.”

Fiquei indignada. “Dylan não tem nada a ver com isso! Ele é o passado, Meg. Este projeto é meu futuro!”

Ouvi um suspiro do outro lado da linha. “Tudo bem. Só se cuide! A última coisa que eu quero é que você mude de personalidade por causa de um monte de ingleses pálidos.”

“Não se preocupe comigo. Estou com o controle completo da situação.”

“Não sei se isso faz eu me sentir melhor ou pior...”

Voltei à minha escrivaninha, peguei meu sanduíche e minha cópia amassada de *As regras*, deixando de lado as palavras de cautela da Meghan.

5 DE ABRIL

O dia do encontro chegou bem rápido. Eu havia destrinchado o livro a semana toda, mas, ainda assim, estava nervosa sobre algumas

coisas. As garotas que seguiam *As regras* não tinham permissão de pagar nada durante encontros, já que mostrar independência financeira poderia enfraquecer a sua posição de criatura-diferente-de-todas-as-outras. Acredito piamente em dividir despesas, então sabia que permitir que ele pagasse tudo ia me deixar bem pouco à vontade.

E eu também precisava terminar logo o encontro, depois de apenas duas bebidas. Tenho uma queda por noitadas que duram mais do que o aconselhável, então suspeitei que isso também seria complicado.

Não era permitido sugerir coisa nenhuma a respeito do encontro, então deixei que ele escolhesse onde iríamos. Fiquei secretamente agradecida por essa regra, já que não gostava de escolher lugares e atividades de encontros: todos os lugares que eu conhecia eram bares de velhos, bares da vizinhança e o meu quarto; e as únicas atividades que acho condizente com encontros são beber, fumar e trepar. Nem sei nada sobre jantar.

Ele escolheu um glamoroso bar no Soho, daqueles tipo era da Proibição. *As regras* dão os seguintes conselhos: “Use uma meia-calça preta transparente e encurte a saia, a fim de atrair o sexo oposto”. Já que era um encontro de sexta à noite, e eu não queria aparecer no escritório parecendo uma puta, voltei correndo para casa depois do trabalho, enfiei o menor vestido que estava à mão, fumei um cigarro na sacada e daí saí em disparada para me encontrar com o Chefão.

O bar ficava escondido da rua, e tinha uma agradável aparência de segredo, com uma porta discreta, marcada apenas por uma luz externa. Em geral, esse tipo de lugar me deixa profundamente nervosa, porque fico preocupada de não encontrar a entrada e ficar vagando — tipo Moisés no deserto — ou, pior ainda, de encontrar a entrada, mas me barrarem por não ser legal e interessante o suficiente.

Mas ainda bem que o Chefão havia acalmado meus dois medos antes do encontro, me enviando o itinerário por e-mail e me assegurando de que meu nome estaria na porta. Dois pontos para ele.

Apesar de todas essas garantias, eu ainda estava um trapo quando fui até o recepcionista e expliquei que estava me encontrando com alguém que não conhecia ainda. Ele me olhou com cara de quem entendia a situação e me ajudou a descer a escada.

Graças a Deus, pensei. Este homem sabe quem é o Chefão! Ele deve ter falado com o recepcionista quando chegou. Meio sexy, isso...

O homem me levou até o bar, onde um altão negro e lindo estava sentado com o que parecia ser algo fora de moda.

BINGO!, pensei.

O recepcionista me deixou com uma piscadela.

“Chefão?”, perguntei. (Claro que não o chamei de Chefão, mas, para benefício do anonimato dos meus objetos, é assim que vou me referir a ele.)

“Não”, respondeu o altão negro e lindo.

“Ah”, eu disse. “Desculpe. Vou me encontrar com uma pessoa, e o recepcionista me trouxe até aqui.”

Ele fez uma prolongada vistoria do meu vestido curto demais. “Minha esposa vai chegar aqui a qualquer momento, e ela não vai ficar muito satisfeita de me encontrar falando com alguém como você.” Ele tirou um cartão de visitas do bolso. “Contudo, trabalho longe de casa algumas noites por semana, então diga a seu patrão para entrar em contato comigo sobre os detalhes.”

“Acho que não estamos nos entendendo: meu patrão trabalha no Museu de Ciência.”

Ele pareceu meio aborrecido. “Desculpe, não conheço o linguajar.”

“Olha, você ficaria surpreso em saber...”

“Lauren?”, chamou uma voz às minhas costas.

Virei e, numa mesa pequena e escondida, estava um cara esbelto e ruivo, acenando com cautela.

Que alívio! Olhei feio para o homem do bar, puxei a barra do vestido e caminhei até o Chefão.

Trocamos beijos no rosto um pouco sem jeito, e me sentei cuidadosamente na cadeira ao seu lado. Ele era fofo. Não um fofo alto e negro, mas com cara de menininho e uma expressão gentil. Fiz uma nota mental de levar uma barra de chocolate pra Cathryn na segunda-feira.

“Maravilha!”, ele disse. “Aqui estamos. O que você gostaria de tomar?”

Pedimos martíni e ele me contou um pouco sobre si mesmo: ha-

via se mudado da Irlanda seis meses atrás, a trabalho, e agora morava em Hammersmith com o irmão e o primo.

“... E foi assim que cheguei aqui! Desculpe, estou falando pelos cotovelos.” Ele tomou um gole da sua bebida e acenou com a cabeça em minha direção. “E como foi que você chegou nesta gloriosa ilha? Veio por causa do clima ou do atendimento ao cliente? Geralmente é um ou outro.”

Deixei uma alta risada escapar, antes de conseguir me conter e apresentar uma cara — assim eu esperava — de recatada. “Vim a trabalho.”

“É mesmo, você é colega da Cathryn no Museu de Ciência! Adorável Cathryn. Ela é uma garota e tanto. No que vocês estão trabalhando no momento? Algo importante?”

Efetivamente, estávamos a ponto de lançar uma série de eventos extracurriculares para adultos, nos quais Cathryn e eu trabalhávamos sem cessar havia seis meses. Mas isso seria contar demais, então apenas dei de ombros e disse: “Na verdade, não” e tomei outro gole do meu martíni.

“Certo. Só passando o tempo, então?”

Sorri e baixei os olhos. Me senti como se estivesse fazendo uma imitação de Hellen Keller.

O Chefão pareceu murchar um pouco, mas daí se jogou outra vez na conversa com força renovada:

“No momento, estou trabalhando em algo grande com o Michael. Vamos para Tóquio na semana que vem... A Cathryn falou alguma coisa a respeito?”

Balancei a cabeça negativamente.

“Bom, na terça-feira vamos viajar por uns quinze dias, e planejo comer tanta carne Wagyu quanto conseguir enfiar goela adentro. Vai ser de dar risada. Já estive em Tóquio?”

“Sim, uma vez.” Na verdade, fiquei lá por seis meses, lecionando inglês, depois que me formei na faculdade. Adorei!

“É um lugar fantástico, né? Uma loucura! Loucura total! Mas de um modo brilhante. Quando você foi?”

“Há alguns anos.”

“E do que você mais gostou?”

Eu queria dizer: *Comer baiacu. Aquele peixe que mata um em cada cem que o comem! Comi e fiquei a noite inteira acordada esperando pra ver se ia morrer. Mas não morri, e foi incrível!* Em vez disso, só dei de ombros outra vez: “Na verdade, não sei”.

“Você viu alguma coisa completamente biruta? Estou desesperado pra ver um daqueles robôs atendentes de bar, que são apresentados em algumas exposições. Já viu algum?”

Eu queria dizer: *Sim! Vi uma daquelas máquinas que vendem calcinhas!* Eu queria gritar: *Foi tão incrível, tão estranho e tão nojento, e tirei um bilhão de fotos dela, pra mostrar pra todo mundo!* Em vez disso, só respondi: “Não, só o normal”.

O Chefão deu um sorriso amarelo e ficou olhando para seu copo. Percebi que o perdía, eu sentia isso, mas não podia fazer nada a respeito.

É claro que, depois disso, a conversa secou. Eu não podia fazer nada para preencher o longo silêncio, já que o livro me proibia de começar qualquer novo tópico de conversação. Então nos sentamos lá, bebendo; o Chefão fazendo algumas perguntas de vez em quando, e eu murmurando respostas monossilábicas. Era excruciante.

Ainda bem que o fim da noitada chegou bem rápido, já que eu precisava ir embora depois do segundo drinque. Depois do último gole, dei uma olhada no meu relógio e falei o que estava receando dizer: “Bom, foi ótimo, mas amanhã tenho um dia cheio”.

O Chefão ficou tão confuso — só eram nove horas de uma noite de sexta-feira — quanto aliviado. “Ah, então está certo”, disse ele. “Só vou pedir a conta.”

A conta chegou, e tive que sentar em cima das minhas mãos para me impedir de pegar a bolsa. Pensei que o mínimo que podia fazer era pagar a minha parte naquele desastre, mas, em vez disso, eu não só havia arruinado a noite do pobre sujeito, mas ainda por cima ele ia ter que pagar tudo.

Ainda bem que o Chefão pegou seu cartão de crédito sem nem piscar. Ele provavelmente só queria sair de lá o mais rápido possível.

Sáimos do bar (pausei sub-repticiamente ao lado da porta, de modo que ele foi forçado a abri-la para mim), e o Chefão galantemente me levou até a entrada do metrô mais próximo.

“Obrigada por uma noite encantadora!”, piei.

“Foi muito divertido! Que pena que você precisa ir embora!”

“Bom, como eu disse, tenho um dia cheio amanhã!”, exclamei.
“Boa noite!”

Corri porta adentro e daí me esgueirei pela outra saída, a fim de fumar um calmante cigarro.

“Meu Deus, essa foi de doer”, balbuciei para mim mesma, dando outra tragada. Enrolei-me no casaco, subitamente consciente de estar parada numa esquina do Soho, vestindo meia-calça preta transparente e um vestido preto minúsculo. Apaguei o cigarro com o salto do sapato: eu já havia sido confundida com uma prostituta naquela noite, e não queria ficar por ali esperando outro convite.

Virei-me para entrar no metrô, começando a ficar animada com a ideia de chegar em casa a tempo de assistir *Curb Your Enthusiasm* no canal 4. Pelo menos o encontro estilo *As regras* não ia interferir no meu horário de assistir à tv.

“Lauren?”

Voltei-me e vi o Chefão debruçado na janela de um táxi.

“Ah, oi outra vez!”, eu disse, lutando para recuperar meu ar de elegante recato.

“Quer uma carona? Vou escutar os deedley-deets com uns amigos em Shoreditch. Posso deixar você no caminho.”

Deedley-deets? Não pude me conter: eu tinha que perguntar. “O que é deedley-deets?”

“Música irlandesa! Sabe, tudo é deedley-deets... Se quiser, pode vir comigo.”

“Não, obrigada.”

“Ah, certo... Você tem um dia cheio amanhã e tudo o mais. Bom, posso pelo menos lhe oferecer uma carona?”

Fiquei pensando um pouco, imaginando o que as “regras” fariam. Eu tinha suspeita de que elas franziriam o cenho, mas o frio de abril estava penetrando pela minha meia-calça fina, e alguns caras mais velhos, à porta de uma loja pornô, já estavam me encarando, então aceitei e pulei para o banco de trás.

“Obrigada, é muita gentileza sua.”

“Sem problemas.” O Chefão me olhou por um momento e daí disse: “Você se importaria se eu lhe perguntasse se está se sentindo bem?”.

Argh! Era deprimente demais. Ele me achava terrível. Forcei um sorriso educado: “Sim, estou bem, obrigada”.

“É que você parece um pouco... quieta. Espero que eu não tenha dito nada ofensivo. Posso ser muito boca grande, então é só me dar um tapa se eu fui!”

“Claro que não!”, respondi. “Você foi um perfeito cavalheiro.” Cruzei as pernas nos tornozelos e olhei para a orelha esquerda dele, determinada a não fazer contato visual. Ele estava sendo muito legal e era tão infantilmente bonito, naquele jeito irlandês estranho que eu gostava tanto... Eu tinha certeza que ia me atirar se olhasse direto pra ele.

Caímos num desconfortável silêncio. Fiquei olhando pela janela, observando as ruas passarem zunindo e desejando que o táxi me teletransportasse direto para minha sala de estar.

“É aqui!”, eu disse quando o táxi estacionou na sarjeta do contorno da Old Street. “De novo, obrigada pela adorável noite!” Saí do táxi e corri (bom, cambaleei — sou péssima em saltos altos) para a entrada do prédio. Nem olhei para trás.

Quando estava girando a chave na porta do apartamento, um frio percorreu a minha espinha. *Ai, meu Deus, pensei. Nem me ofereci pra pagar o táxi!* Claro que, de acordo com *As regras*, eu nem deveria, mas ainda assim senti uma onda de vergonha. *Ele deve achar que eu sou a maior filha da mãe do planeta.*

Servi-me de um grande copo de vinho e fui com ele até a sacada. O apartamento estava vazio; Lucy deveria estar em algum lugar se divertindo, bebendo, ficando com garotos e voltaria só depois das dez da noite, sem se preocupar com os confinamentos da vida seguindo *As regras*. Ah, como eu estava com inveja dela!

Se tivesse ouvido meus instintos, dois martínis teriam levado a dois uísques, e a noite terminaria com a gente se agarrando numa embriagada sessão de transa, num canto escuro de um glamoroso bar da Hanbury Street.

Era disso que eu gostava em ser solteira: sair em pequenas aventuras com um homem relativamente estranho, pelo qual, de repente, você se sente atraída; conversas bizarras, fora do contexto, sobre sua raça favorita de cachorro ou quem vai ganhar a luta entre New Kids on the Block e One Direction ou ainda se Michael McIntyre faz o mundo pior ou não; caçadas loucas em busca de bebida e cigarros; a sensação de que a noite está escapando, e você tenta se agarrar a ela, puxando a coberta do escuro para se cobrir pelo máximo de tempo possível. Eu adorava aquela sensação de vertigem, de acordar na cama na manhã seguinte, confusa e com dor de cabeça, mas principalmente muito, mas muito feliz, ainda doida com a sensação de possibilidades da noite anterior.

Em vez disso, eu estava em casa numa hora absurda, tendo forçado um homem bem legal a passar uma noite na minha entediante companhia, sem ter oferecido um simples centavo do meu dinheiro para compensar. Eu me senti sem ânimo e meio asquerosa.

Isso ia ser mais difícil do que eu pensava.